



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
CENTRO DE EDUCAÇÃO, HUMANIDADES E SAÚDE DE TOCANTINÓPOLIS
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO (LINGUAGENS E
CÓDIGOS: ARTES VISUAIS, ARTES CÊNICAS E MÚSICA)**

FABRÍCIO LARANJA SALVADOR APINAGÉ

**SABERES ANCESTRAIS E PRÁTICAS EDUCATIVAS NA ESCOLA ESTADUAL
INDÍGENA MÃTYK: INTERFACES ENTRE SABERES ALDEIA SÃO JOSÉ-
TOCANTINÓPOLIS (TO)**

Tocantinópolis, TO

2023

FABRÍCIO LARANJA SALVADOR APINAGÉ

**SABERES ANCESTRAIS E PRÁTICAS EDUCATIVAS NA ESCOLA ESTADUAL
INDÍGENA MÃTYK: INTERFACES ENTRE SABERES ALDEIA SÃO JOSÉ-
TOCANTINÓPOLIS (TO)**

Artigo apresentado à Universidade Federal Norte do Tocantins (UFNT), Centro de Educação, Humanidades e Saúde de Tocantinópolis- CEHS para obtenção do título de licenciado em Educação do Campo- Artes Cênicas, artes visuais e Música.

Orientador (a): Dra. Rejane Cleide Medeiros de Almeida

Tocantinópolis, TO

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- A642s Apinagé, Fabrício Laranja Salvador.
Saberes ancestrais e práticas educativas na Escola Estadual Indígena
Mátyk: Interfaces entre saberes Aldeia São José- Tocantinópolis (TO)./
Fabrício Laranja Salvador Apinagé. – Tocantinópolis, TO, 2023.
38 f.
- Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Tocantinópolis - Curso de Educação do Campo, 2023.
Orientadora : Rejane Cleide Medeiros de Almeida
1. Saberes ancestrais. 2. Intergeração. 3. Etnia Apinajé. 4. Práticas
Educativas. I. Título

CDD 370.91734

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da
UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

FABRÍCIO LARANJA SALVADOR APINAGÉ

**SABERES ANCESTRAIS E PRÁTICAS EDUCATIVAS NA ESCOLA ESTADUAL
INDÍGENA MÃTYK: INTERFACES ENTRE SABERES- ALDEIA SÃO JOSÉ-
TOCANTINÓPOLIS (TO)**

Artigo apresentado à Universidade Federal do Norte do Tocantins – UFNT, Centro de Educação, Humanidades e saúde- CEHS Curso de Licenciatura em Educação do Campo Artes Cênicas, Artes Visuais e Música foi avaliado para a obtenção do título de graduado e aprovada (o) em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 04 /12 / 2023

Banca Examinadora

Profa. Dra. Rejane Cleide Medeiros de Almeida-Presidente da banca- UFNT

Prof. Dr. Ubiratan Francisco de Oliveira- UFNT

Prof. Ms. Júlio Kamêr Ribeiro Apinajé-
Superintendência Regional de Educação de Tocantinópolis- SRET/SEDUCTO

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos mestres/as Apinayé da aldeia São José por me conectarem novamente a nossas tradições ancestrais de nossa essência, porque nas veias dos mestres/as panhĩ corre o sangue que constrói identidades, na pele as marcas das lutas e nas mãos calejadas à força da cultura, em que se orgulham em dizer que um dia seremos ancestrais, um dia seremos novamente panhĩ, em que nos transformaremos em território.

AGRADECIMENTOS

Chegar até esse momento da carreira acadêmica, de concluir a graduação, foi fruto de muito trabalho, mais ainda quando estudamos as nossas tradições, que considero desafiador sobre os costumes e conhecimentos ancestrais do povo panhã Apinayé; foi necessário muito esforço, dedicação e comprometimento com as atividades de pesquisa.

Todo o trabalho elaborado até a conclusão foi desenvolvido sob as importantes contribuições dos jovens, mestres/as e dos professores da etnia Apinayé, como também das preciosas orientações da professora Rejane Cleide Medeiros de Almeida, minha orientadora que acompanhou de perto todo o andamento do presente trabalho, das reuniões remotas e presenciais do grupo de pesquisa e extensão popular KATÂM, assim como da visita de campo até as orientações finais dos artigos a serem organizados para leitura e a produção do mapa de cartografia social junto aos mestres. Além das entrevistas, perguntas semiestruturadas construídas com a professora. Agradeço por tudo aquilo que proporcionou para o término deste trabalho muito importante para o povo Apinayé.

Muito se deve a minha outra orientadora panhã Joanita Pãx Apinagé, anciã que abriu as portas de seu vasto conhecimento do universo panhã, proporcionando-me momentos únicos de aprendizado nos rituais na aldeia. Reconhecer a fundamentalidade e importância do curso de Licenciatura em Educação do Campo- Artes (LEDOc) de Tocantinópolis-TO, principalmente do Alojamento Estudantil Flávio Moreira e dos amigos/as que construí nesse espaço de convivências, como também de todo corpo docente do curso e dos colegas pelos dias que estivemos em sala e fora da universidade, estudando e pesquisando sobre as nossas comunidades, em especial ao meu irmão da faculdade Gercione krâkamrêk por quem tenho um carinho muito especial. Ao Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e tecnológico (CNPq) que, além das bolsas que me concederam, possibilitaram-me desenvolver o meu gosto pelas mais diversas formas de interagir e pensar sobre as questões sociais, e olhar por meio da pesquisa como uma ferramenta a mais na luta contra as mais diversas formas de discriminação e preconceito contra as populações indígenas. Agradeço imensamente a cada um que enxergou em meus trabalhos o sonho de um futuro promissor junto com meu povo.

Em especial aos meus pais Roberto Da Matta Apinagé, Iraci Laranja Apinagé e aos meus irmãos e sobrinhos que estiveram em todos os momentos que passei nesses quase cinco anos de universidade, encorajando-me a não desistir, olhando e tendo esperança de que um dia pudesse retornar para a aldeia como um novo educador.

RESUMO

A pesquisa tem por objetivo compreender como ocorrem as relações entre os saberes de mestres e mestras da etnia Apinajé e as práticas educativas nas disciplinas da escola Mătyk na Aldeia São José em Tocantinópolis, Tocantins. Como também a produção e transmissão de saberes intergeracionais dos mestres e a juventude da Aldeia São José, diante das inquietações demonstradas pelos anciãos da aldeia, sobretudo por as práticas culturais do povo estarem sendo esquecidas pelos mais jovens da etnia, o modo de agir e pensar a cultura, em vários momentos do cotidiano local, em alguns casos perceptíveis no que podemos sentir nos rituais Apinayé, e a falta de interesse em saber sobre esses assuntos nos possibilitaram abrir um novo viés sobre os valores culturais da etnia panhĩ Apinayé. Portanto, procuro estabelecer um diálogo por meio da oralidade panhĩ, porque meios e formas se ensinam o saber e o fazer no cotidiano do povo Apinayé, onde estão mais presentes esses ensinamentos e como estão sendo aprendidos na prática panhĩ e como os ensinamentos são assimilados pelos mais jovens no contexto panhĩ. A utilização da metodologia baseia-se na história oral com entrevistas semiestruturadas com dois anciões/as, os educadores e os estudantes da escola Mătyk. O critério dos/das entrevistadas/os é participar da escola, no caso dos educadores e educandos/as, e ser anciões, aqueles mais velhos da aldeia.

Palavras-chave: Saberes ancestrais. Intergeração. Etnia Apinajé. Práticas educativas.

HO HAKOT NĚ HARĚNH

Tỳ jar ixte kagà hã ijapênh ho ixpa jakamã paj mẽ amã tanhmã na hten mẽ pigêtjaja nê mēnywjê axpênh mã awjakre ho pa jarênh kaxwyr, kaêx hã skore pê Mătyk kamã kagà jakrehxwynhjê paj mẽkukjêr kaxwyr, nê kwỳ jarênh kaxwyr, skore pê Mătyk kamã, krĩ pê krĩnhĩnuure kamã, krĩ rax kapem- TO, nhũm hpre krĩ jakamã mẽ pigêtjaja xahtãh preh htem axpênh kôt ixwyr mra nê inhmã ujarênh ho krĩ nê mẽ harênh ho, nhũm xep ra mēnywjê ra mẽmoj hã nohkêr par kôt jarê, nê mẽ higêtjaja nê mẽ tukatyjaja mẽ xapumunh nê mẽ kot anhĩn hĩpêx tũm hã anhĩ nhĩpex nhũm mẽ ra hã nohkêr par o mō, jakamã pa kagàja kamã ixte hã ijapênh jakamã hakop nê wỳr ixkator kaxwyr, nê pērahpu na hten amnhĩ nhĩpex anhỹr ho pa, nê axte pyka kôt hapôj nê kamã hakop kêt nê, nhũm mẽ tyk hã pyka ja nhũm mẽ ãm mỳrapê hamaxpêr kêt nê, kamã mẽ kot tanhmã amnhĩ nhĩpêx to pumunh kêt, kot mẽ pyka kamã mẽ hagiênh ja kamã mẽ grer nê puhã mẽ kot tanhmã amnhĩto kôt omunh kêt, kêr nhũm kagàja mẽ krãnhĩpêx nhũm mẽ kukamã hamaxpêr kaxwyr na kagàja. Măãnênh, tanhmã na hte mẽ pigêtjaja mẽmoj ho anê, mēnywjaja mẽ kãm ujahkre. Paj ỹ kagàja kamã anhĩnhĩpex anê, Apinayejaja mẽ kot axpênh mã mẽmoj jahkre ho pa xàh kôt omunh kaxwyr.

Kagàkwykawrà: Amnepêm Apinayé xapumunh. Mẽ pigêtjaja nê mēnywjê. Panhĩ Apinayé kot anhĩnhĩpêx. Skore kamã awjakre.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1 - Cartografia do território panhĩ.	19
Figura 2 -Mêhkĩ jakàr (cortes de cabelo) São José.	22
Figura 3 - Roteiro de entrevista com os mestres/as Apinayé.	36
Figura 4 - Cartografia produzida pelos mestres da Aldeia São José.	37
Figura 5 Cartografia da Antiga Aldeia São José sendo produzida.	38

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNPq- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

FNDE- Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

FUNAI- Fundação Nacional do Índio

MEC- Ministério da Educação

SECADI- Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão

SPI- Serviço de Proteção ao Índio

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 PERCURSO METODOLÓGICO	15
3 TERRITÓRIOS E TERRITORIALIDADES DA ETNIA APINAJÉ	18
4 SABERES E FAZERES DA ANCESTRALIDADE PANHÍ APINAJÉ	22
5 PRÁTICAS EDUCATIVAS E A RELAÇÃO COM OS SABERES ANCESTRAIS	28
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	35

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho desenvolvido junto à comunidade da Aldeia São José do povo Apinayé¹ de Tocantinópolis originou-se durante a vida escolar na aldeia Patizal fundado pelo meu avô José Laranja Apinagé (*in memoriam*), no ano de 1986, conhecido como Grossinho. Foi cacique, liderança pajé, organizador das atividades socioculturais, membro principal e formador dos grupos de jovens Pěpjê/ Pěpkààk/ Pěpkumrêx, mestre nas artes musicais e gênero vocativo (mê amnhĩ) no qual o Nimuendajú define de reza, que nem sempre é praticado atualmente. Além de outras categorias de cantorias sem maracá. E era especialista em plantas medicinais e com cura além do corpo físico “wajaga/pajé”, como também artesão. Escutando sobre as histórias de meu avô que me interessei pela oralidade panhĩ desde cedo, principalmente no ingresso no curso de Educação do Campo em Tocantinópolis no ano de 2019; ouvir e refletir sobre as questões relacionados aos valores culturais foi, sem dúvidas, o que me levou a pesquisar e questionar os problemas da etnia, sendo que cresci ouvindo as irmãs Rosa Apinagé, minha avó e Maricota Apinagé minha tukatyj/ avó (*in memoriam*), que nos falavam: “[...] nossos costumes já são mais os mesmos, estão esquecendo de tudo” referindo-se aos jovens. Em convivência com a Maricota, no ano de 2008, na aldeia São José, ouvia esses questionamentos sobre as nossas tradições.

Trazer um pouco de reconhecimento aos grandes mestres, artesãos e outros artistas que se dedicam silenciosamente ao ponto de não se reconhecerem como os responsáveis pelo equilíbrio da vida social panhĩ, torna-se fundamental e de valor mútuo para a preservação dos costumes da etnia.

A nossa proposta, aqui, foi de tecer uma ponte para verificar como acontece essa relação e onde essa relação se entrelaça do fazer e do saber da etnia, buscando analisar ao máximo as contribuições dos/das mestres/as nesses espaços tradicionais educativos da comunidade.

A pesquisa tem como objetivo geral analisar a interface entre os saberes de mestras e mestres do conhecimento e a produção de práticas educativas no interior da escola estadual indígena Mătyk, tendo como objetivos específicos: 1. identificar conteúdos desenvolvidos nas disciplinas da escola Mătyk e a interação com os saberes produzidos pelos mestres Apinayé; 2. sistematizar as experiências dos professores e suas relações com os saberes de mestras e mestres

¹ O motivo de eu querer utilizar esse termo Apinayé é porque envolve o nome originário do meu povo, me sinto bem em escrever esse nome, do que as outras duas formas, me sinto invadido, parece que alguém ou algo foi modificado por motivos a mudar o sujeito pelo nome.

locais. 3; analisar as práticas educativas de educadores da escola e suas interfaces com a identidade e cultura da etnia Apinaje.²

A preocupação dos/as mestres/as é nítida com relação à cultura panhã, pois está perdendo sentido para os jovens os seus costumes, crenças, histórias, entre outros aspectos culturais; está muito enfraquecida, fragmentada, em alguns casos, sem o uso das narrativas, contos de histórias de sua cultura, pois ninguém os procura para saber de seus conhecimentos, ancestralidades que os conectava com o mundo natural e sobrenatural da etnia.

Este trabalho nos guiou para a juventude panhã, e precisamos ouvi-la para compreender essa relação, pois sabemos que se trata de uma cultura que ainda está ativa, dinâmica e sustentada pelos/as mestres/as, sendo praticada nos espaços do território krĩ, e precisamos entender como ela está sendo repassada ou ensinada pelos mestres/as. Entretanto, escutamos sobre a trajetória de vida de jovens estudantes da escola e moradores da aldeia São José sobre os valores da cultura panhã e os estudos relacionados aos saberes e fazeres panhã na escola da aldeia. Foram cinco mēnywjaja/ jovens entrevistados, sendo dois homens e três mulheres; todas as entrevistas ocorreram na Aldeia São José, relacionando os mestres com o território e suas influências sobre o conhecimento ancestral Apinayé e as práticas educativas na escola.

A justificativa da pesquisa desenvolvida tem como tema saberes ancestrais e práticas educativas na escola estadual indígena Mătyk: interfaces entre saberes na aldeia São José do município de Tocantinópolis, TO, e apresenta como tema central de análise e discussão as relações entre diferentes saberes. Sendo o saber construído através da oralidade e ancestralidade indígena, a relação dos jovens com os/as mestres/as locais e como estes saberes chegam à escola. Ressaltamos que os mestres e as mestras do povo panhã Apinayé promovem a tradição do seu povo.

Destacamos o uso da história oral, como um método de investigação na perspectiva de Thompson (2002, p. 9), o qual destaca: “[...] a interpretação da história e das mutáveis sociedades e culturas através da escuta das pessoas e do registro de suas lembranças e experiências.” Portanto, ouvir os mestres da cultura Apinayé sobre a educação indígena como o ponto de relações que estão em constante contato com outras fontes de conhecimentos, sobretudo uma das lutas de muitas décadas, é inserir na estrutura de ensino diversas formas de ensino e aprendizagem promovidos pela sua cultura. O autor indígena Apinajé (2019, p. 61) ressalta que:

²Esta pesquisa contou com o apoio do CNPQ no decorrer de 2 anos, fruto de minha iniciação científica. No primeiro ano da pesquisa fui premiado com os resultados desta pesquisa que também é premiação para minha comunidade, uma vez que foi desenvolvida juntos.

[...] Nesse processo próprio de conhecimento eles participavam na prática em tudo que o grande sábio fazia, incentivava até eles se tornassem hábeis na área da medicina como um wajagà [xamã] que trabalha com plantas medicinais), um grande cantor, um especialista nas artes das pinturas corporais, dos artesanatos, um excelente caçador, um corredor, um contador de histórias e mitos ou uma excelente liderança.

As práticas dos mestres da etnia Apinayé ocorrem a partir das aprendizagens dos jovens com os mestres que se encontram e ocorrem no seio familiar, como sendo uma atividade própria e necessária para que haja continuidade da tradição e que se conecte com os propósitos da etnia, com respeito, luta, organização coletiva e compreensão dos elementos do território.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Todas as atividades de pesquisa se desenvolveram com as participações dos anciãos; na ida à antiga aldeia São José, fomos acompanhados pela Matriarca Joanita Pãx e o jovem estudante da Escola Indígena Mătyk, Wanhmê Apinagé; ambos estiveram presentes na pesquisa de campo.

A utilização da história oral, nesta pesquisa com o povo Apinayé, possibilita uma abordagem mais próxima da realidade vivenciada pelos sujeitos dessa comunidade, estabelecendo relações com as narrativas, trajetórias de vida como de seus costumes e tradições.

Para Thompson (1992), a utilização de “fontes” que estão “vivas”, são possibilidades de conhecer as experiências vivenciadas e apresentam relações com relatos que estão condicionados à memória. A história oral, como método de investigação, possibilita conhecer as vivências no território. Portanto, a história oral compreende um território como um espaço de vozes, constituído de conhecimentos que estabelecem interações enraizados nos traços identitários com os modos de vida.

Na concepção de Portelli (1997, p. 16), a história oral enquanto ciência implica no registro da memória. E ela é “[...] um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados”. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas [...].

As narrativas de histórias contadas pelos/as mestres/as panhĩ estão ligadas inteiramente aos seus criadores de origem panhĩ Myyti e Mytwrÿre (Sol e Lua), pelas vozes desses anciãos que reestabelecem conexões com os espíritos, trazendo com os karõ (espíritos) por meio das memórias desses ancestrais, formas de possibilitar esses conhecimentos da ancestralidade com a vida cotidiana dos Apinayé, como destaca os autores Apinagé e Geraldin (p. 153): “[...] uma das maneiras pelas quais especialistas costumam conhecer os mitos, inclui sua definição como narrativas orais, que contêm as verdades consideradas fundamentais por um grupo indígena e que formam um conjunto de histórias dedicadas a contar.”

Por essa razão é que justificamos a escolha da história e das narrativas, por possibilitarem análises dos processos históricos, padrões culturais e, sobretudo, das estruturas sociais em que os/as interlocutores/as desta pesquisa se constituem como protagonistas.

Dessa forma, considero o método da história oral com história de vida indispensável para compreender as condições entre os membros do grupo com a memória, a identidade e o vínculo com a ancestralidade, possibilitando adentrar os problemas referentes ao processo

educativo tradicional, de suas cosmologias, histórias, narrativas e patrimônios material e imaterial.

Sobre esses conhecimentos dos mestres da etnia, o autor indígena Apinajé (2019, p. 115) aponta a relevância da oralidade entre os Apinayé, como:

[...] A oralidade para o povo Apinajé é importante, pois através dela são preservados na memória dos sábios da comunidade as histórias, contos, mitos da cultura indígena Panhĩ, existentes como os anciões que são nossa verdadeira biblioteca de conhecimento tradicional. A oralidade é fundamental para a alfabetização panhĩ.

Devemos compreender que o povo Apinayé possui hábitos de ensinar que ocorrem, em alguns casos, somente para aqueles que são dignos de receber tais ensinamentos, ou seja, para aquele ou aquela que age de acordo com a cultura, que estabelece conexões com as raízes tradicionais de seu povo.

Este trabalho dialoga com autores que trabalham com as culturas indígenas, sobretudo as que fazem parte da realidade vivenciada pelos Apinayé, como do autor Cassiano Sotero Apinajé, Júlio Kamêr Ribeiro Apinajé entre outras pesquisas que abordam os aspectos materiais e imateriais, território e territorialidades do povo Apinayé, como da educação escolar panhĩ das escolas do campo.

O processo de inclusão dos saberes da ancestralidade local em ambientes escolares continua sendo um assunto amplamente discutido nas unidades de ensino; sobre realizar a implantação de novas propostas pedagógicas de ensino, a autora Conh (2005, p. 489) afirma que:

[...] Deve-se assegurar a inclusão da língua, da cultura e dos saberes indígenas no projeto curricular dessas escolas e o respeito à particularidade étnica e cultural dessas populações, reunindo alunos e professores da mesma etnia em seu projeto, execução e gestão. E a escola indígena passa a ser definida como diferenciada, específica, bilingue e intercultural.

Nesse caminho da educação escolar indígena, existem muitos desafios que deixam à mostra o problema das escolas indígenas, pois as escolas seguem um modelo de ensino do meio urbano, sistematizado com os objetivos definidos e prontos para serem ensinados, que, em alguns casos, fogem da realidade de convivências dos estudantes do campo. Assim, Arroyo (2007, p. 158) ressalta:

[...] nosso sistema de ensino é urbano, apenas pensado no paradigma urbano. A formulação de políticas educativas e públicas, em geral, pensa na cidade e nos cidadãos como um protético de sujeitos de direitos. Há uma idealização da expressão da dinâmica política, cultural e educativa. A essa idealização da

cidade corresponde uma visão negativa do campo como lugar do atraso, do tradicionalismo cultural.

Entendo que as escolas do campo agem, caminham na perspectiva do espaço como sendo urbano. Todavia, a educação panhã não funciona de acordo com a sua realidade enquanto as experiências produzidas na perspectiva dos mestres da etnia não estiverem nas escolas da aldeia, não promoverem a diversidade de aprendizado, enquanto material humano, em que aprender o universo Apinayé deve se compreender a relação dos Apinayé com o seu território que poderiam ser mais aprofundados nas unidades de ensino Isso porque os mestres ensinam a sua existência e na escola os jovens aprendem a existência de outros, causando uma ruptura entre esses dois conhecimentos, como salienta Apinagé (2017, p. 73) sendo necessário entender que:

[...] A relação dos jovens com o seu território se encontra na situação de precariedade, especificamente em se tratando da circulação dos jovens no universo próprio. É apenas mais um desafio a ser encarado pelos mais velhos. Diante dos mais experientes conhecedores do ambiente, no que diz respeito à relação dos jovens, afirmando que não querem voltar para a forma tradicional de circular dentro do território.

Para compreender os processos educacionais do povo Apinayé, é necessário entender os conceitos direcionados ao território; percebo que outro desafio é realizar a formação dos professores indígenas da etnia visando a interagir com o território, sendo que muitos desses professores não possuem graduação, não têm a percepção necessária sobre como ensinar com os materiais da sua cultura para alfabetização dos alunos, como defende Bergamaschi; Medeiros (2010, p. 68), que afirma que os conhecimentos dos costumes indígenas fazem todo sentido para suas comunidades:

[...] a escola vem desempenhando um papel muito importante na recuperação da língua Kaingang, visto que muitas crianças haviam abandonado o idioma por causa da convivência com a cidade e a frequência em escolas não indígenas. Questionada sobre o porquê do idioma Kaingang na escola, uma menina respondeu que é “uma forma de lutarem pela terra”, deixando evidente que a afirmação do idioma indígena é também afirmação da identidade étnica.

Dessa forma, dar notoriedade aos saberes dos mestres indígenas na escola é garantir a sobrevivência das práticas dos mestres da etnia, garantindo que outras gerações possam usufruir dessa forma distinta de conhecimento que agrega elementos presentes no território Apinayé.

3 TERRITÓRIOS E TERRITORIALIDADES DA ETNIA APINAJÉ

Ao estudarmos o território panhĩ, logo verificamos que a reconquista do território foi sangrenta, deixando marcas por toda a história do povo, que foi sendo empurrado pelas cercas e arames, época em que seus direitos e deveres eram considerados um atraso para as outras sociedades, quando escutar, ver e muito menos reverenciar suas tradições e os trabalhos — sobretudo dos valores que se tinha sobre os costumes — eram irrelevantes; se presenciamos até hoje, foi devido à resistência do grupo, fundamentalmente dos anciões da etnia. Sobre o território, Little (2003, p. 254) afirma que, para entender um território, é preciso entender o processo das quais passou e o grupo que a compõe, deixando ver que: “[...] para analisar o território de qualquer grupo, portanto, precisa-se de uma abordagem histórica que trate do contexto específico em que surgiu e dos contextos que foi defendido e/ou reafirmada”.

O território panhĩ teve sua demarcação concretizada em 1985, com apoio de outras etnias que vieram a pedido dos líderes panhĩ juntamente com a Fundação Nacional do Índio Funai) como os Kaiapó, Xerentes, Xavantes, entre outros, em dimensões territoriais, há cerca de 141. Novecentos e quatro hectares com 64 aldeias sendo lideradas pelas duas aldeias maiores, São José e Mariazinha, ainda se esforçam para demarcar outro hectare que não foi conquistado, sendo essa a vontade do grupo até os dias atuais.

Vale destacar, também, que nessa época impediram o asfaltamento da transamazônica que cortaria todo o território Apinayé, o que seria uma abertura para a entrada constante dos kupẽ (homem branco) no território panhĩ, sendo que isso afetaria muitas coisas: a língua, as músicas, as tradições e a perda de outras manifestações do povo.

Nas manifestações ritualísticas do povo Panhĩ se justifica a ancestralidade que está no território, sustentado pelos criadores Myyti e Mytwryre, onde presenciamos ritos quando se inicia e se finda, nos conjuntos cerimoniais do choro, ao canto, no território, todos com as dimensões territoriais em que o território Apinayé, identidade essa que se manifesta contra as mais diversas questões envolvendo o agronegócio e as plantações imensas de soja e eucalipto.

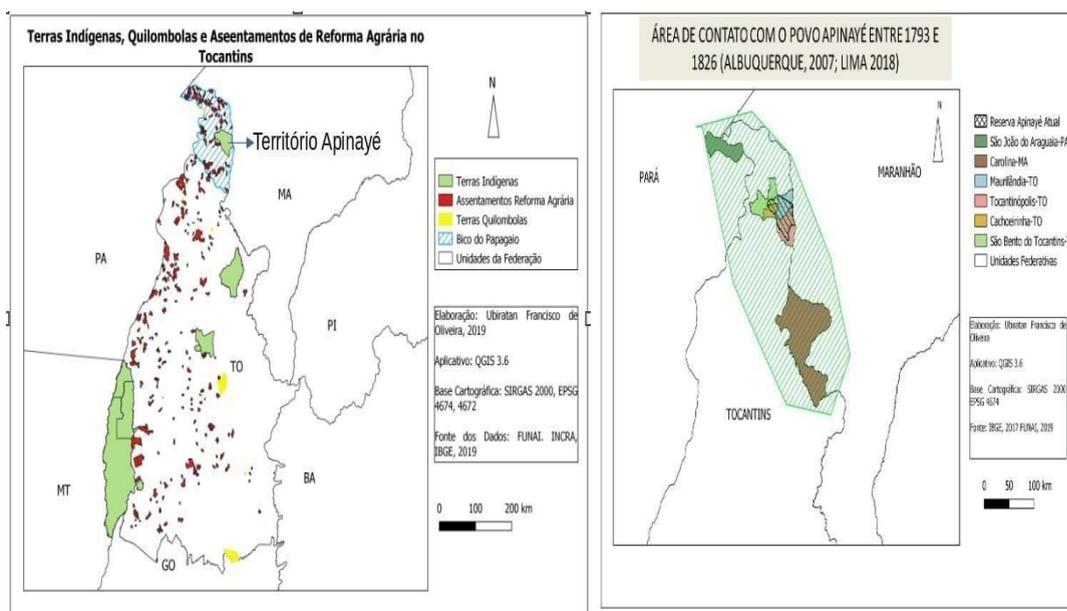
Situada no extremo Norte do Tocantins, na região que conhecemos como Bico do Papagaio, composto pelo imenso cerrado, com riquezas naturais, ribeirões que alimentam as comunidades e fornecem, com suas imensas matas, caças, pescas e frutos que vêm do cerrado e que garantem a sobrevivências do grupo.

A aldeia São José, onde a pesquisa foi realizada, é coberta com uma vegetação alta, com todos os tipos de árvores; em abundância estão os pés de babaçu, macaúba, buriti, açaí e espécies variadas de peixes. No cerrado, tiram os remédios para cura de doenças, gripe, dor de

cabeça, picada de cobras e os pajés ajudam neste processo do bem-estar panhã. Coloco a seguir um mapa e as dimensões entre Antiga Aldeia e atual São José.

Outro movimento para representação do território Apinayé foi coletar os pontos com uso do GPS, a partir do que foi gerado o mapa cartográfico da Figura 1.

Figura 1 - Cartografia do território panhã.



Fonte: OLIVEIRA, 2020.

Essa aldeia é banhada pelos afluentes Bacaba e São José, ambos são homenagem às duas antigas aldeias. Um lugar pantanoso em época de chuva em alguns locais, o que se assemelha a mangues. Vale ressaltar o quanto essas aldeias foram mudando de lugar, pelo menos três vezes, sendo que os estudos historiográficos apontam para isso, como também mencionado pelo pesquisador (Oliveira, p. 63), que apresenta Bacaba da seguinte forma: “[...] Aldeia Bacaba disto pouco de Boa Vista, cidade Goyana e é construída em círculo”. Contudo pediu ao grande guerreiro, cacique da aldeia José Dias Mãtyk que desenhasse em um mapa cartográfico, as características do lugar:

[...] os Apinagé não me souberam dizer com segurança o número de casas que a formam. Asseveram-me, porém, que não são poucos. Creio nesta asserção, principalmente porque José Dias, desenhando-a, disse-me que as casas lá existentes eram muito mais do que as desenhadas. Mas, assim tinha feito, porque o papel não comportava todos.

Em análise da figura, percebi que o cemitério da aldeia não aparece no desenho feito por Mãtyk; com isso, penso que o cemitério que vemos e onde sepultamos, atualmente, está naquele lugar desde a aldeia Bacaba, em meados de 1930, quando esta aldeia ainda se mantinha.

Em conversas com mestres/as, esses não me confirmaram com certeza a mudança de lugar, mas se formos analisar pelas tradições panhĩ, pode ter sido o falecimento de José Dias Mãtyk o motivo de terem se mudado para a então antiga Aldeia São José, pois entre os Apinayé, quando uma aldeia acaba os mestres enterrados nos cemitérios de seus antepassados, são uma força que suporta os laços culturais, os espirituais; nesse caso, aproximaram-se do cemitério.

Os mestres panhĩ ainda estão fortemente ligados ao território, como um elemento territorial, imaterial que direciona seus ritos ancestrais, como os falecimentos entre os Apinayé, algo natural que ocorre, mas que abrange relações entre os padrinhos, madrinhas, pahkràn e Kràmngêt (amigo formal), em que se correlacionam entre as passagens do rito antes, durante e depois do velório, até os dias que antecedem a visita, sujeitos que conduzem a cerimônia do banho.

Porém, antigamente, esse ritual era realizado com dois dias do sepultamento, quando os kràm tiravam o cadáver do túmulo para dar banho no morto; em seguida, os membros da família tomavam os banhos com as cascas de árvores, preparados pelos kràm, que as madrinhas pagam com alimentos. Nesse caso, quando é a primeira vez, o pagamento é maior, com cuias grandes, ou caças maiores; hoje, é com bacias mais resistentes compradas das cidades.

Sobre a cerimônia de lamentação fúnebre, Nimuendajú (1956, p. 114), detalha como os Apinayé se relacionavam nesse ritual, na época da aldeia Bacaba, em sua passagem:

[...] um pouco antes, começa a lamentação fúnebre. A esse sinal, reúnem-se todos os parentes na casa onde se encontra o morto. Supõe que as almas dos defuntos se juntam em grande número ao redor dos moribundos, oferecendo-lhes suas comidas para que morra mais depressa e levando depois o novo companheiro para sua morada. Chama-se um cantador, enquanto se entende o cadáver sobre uma esteira no chão, com a cabeça para o nascente.

A antiga aldeia Apinayé, descrita por Joanita Pãx, nasceu na antiga Aldeia São José em meados de 1944; ela conta que, na época, tinha em sua maioria jovens e poucos mestres. Entendemos, portanto, que existiam, na aldeia, dois grandes líderes e seus ajudantes, considerados pela anciã como os verdadeiros donos dessa aldeia, denominados Wanhmëgri, nome em Apinayé e José Dias Mãtyk, descrito por Curt Nimuendajú em sua obra intitulada *Os Apinayé de 1930*, que era avô paterno da anciã. Era composto pelas aldeias Bacaba e Cocalinho, no entanto, a aldeia Cocalinho desapareceu por causa das lutas entre os pajés ou xamãs há muitos anos, dizimando grande parte de seus moradores, obrigando que eles se mudassem para Bacaba e, mais adiante, à antiga aldeia São José, segundo os relatos da anciã.

As atividades desenvolvidas pelos anciões da comunidade em seu território aproximam de fato as relações de sua cultura com seu território; para Alfredo Wagner B. de Almeida (2004,

p. 10), território que “[...] funciona como fator de identificação, defesa e força. Laços solidários e de ajuda mútua informam um conjunto de regras firmadas sobre uma base física considerada comum, essencial e inalienável, não obstante disposições, sucessões porventura existentes.” Dessa forma, compreendemos que o pátio da aldeia é considerado um local de convívio social onde todas as partes se relacionam, constituído de velhos, mulheres, crianças e jovens; esse espaço é aberto para todos os membros da etnia, não possuindo nenhuma restrição para os vivos, apenas para os falecidos, esses no caso são acolhidos no interior de suas moradas.

Na concepção do mestre José Pêpkrãho Apinagé, de 52 anos de idade, outro senhor entrevistado nesta pesquisa — que é pajé e artesão das buzinas de sopro Mẽ õhi — destacam-se os rituais na aldeia, como os casamentos, atividades essas que os Apinayé ainda mantêm no cotidiano panhĩ:

[...] Os casamentos aconteciam no pátio mesmo, não era na casa, quando aquela pessoa vai casar, o noivo dela fica esperando na casa do padrinho ou madrinha dele, aí aquele rapaz que vai casar, vai entrar no pátio com os dois que estarão o acompanhando os kràmngêt, amigo formal, o cantor dançará com o noivo e depois andará para casa da noiva, nesse caso o noivo é quem vai na casa da noiva, ficando por obrigação morando na casa dos pais da noiva (Mestre José Apinagé, Entrevista em 19/07/2022).

Esse ritual está fortemente ligado ao território e seus elementos organizados por meio dos saberes dos mestres, velhos sábios que, com vários repertórios de conhecimentos trazidos de seus antepassados, desenvolvem as produções artísticas dos enfeites dos noivos, as pinturas, a música cantada, a dança do noivo e, principalmente, os valores culturais presentes nessas festividades.

4 SABERES E FAZERES DA ANCESTRALIDADE PANHĨ APINAJÉ-

Ao escrever as primeiras linhas deste trabalho, convenhamos, de certa forma me vejo impossibilitado de compartilhar certos conhecimentos de nossos ancestrais, de apresentar esses conhecimentos na prática, pois abrangem níveis extremamente complexos quando nos referimos aos diversos rituais que foram ritualizados durante as gerações anteriores aos anciãos. Aqui, me coloco entre os jovens da etnia como sendo um pēpjê (jovem aprendiz) e também pesquisador, tentando construir e fortalecer os laços maternos com o território e suas territorialidades. Sobre essa relação, Apinagé (2017, p. 171) afirma:

[...] A relação dos jovens com o território é vista com pouquíssima interação e exploração do espaço do ambiente em especial na Aldeia São José. Embora todos considerem o território como espaço importante para o usufruto a si mesma, mas que poucos dos jovens exploram o seu espaço do ambiente e a grande maioria deles não tem a relação direta com o território.

Para compreender melhor essa relação dos jovens sobre o território, nessa relação com os saberes e fazeres dos/as mestres/as, precisei ouvir jovens de 16 a 27 anos de idade, alunos e moradores da aldeia São José que dialogaram sobre o papel dos anciãos e como esses saberes se dialogam com a identidade cultural da etnia.

Nas pesquisas realizadas na Aldeia São José, ouvimos os jovens estudantes da escola Mãtyk e moradores da aldeia, como a Elen Prũm Akahkwỳj Apinagé, de 22 anos de idade, casada, mãe de duas filhas, que nos rememora sobre as valiosas contribuições dos anciões que estão a todo o tempo aprendendo, ensinando e as contribuições dos mestres/as panhĩ:

[...] Quando alguém te ensina uma coisa né, aí você tem que sentir o que aquela anciã/o e olhar bem atentamente, com isso aos poucos vai assimilando, pois não aprendemos sem ao menos tocar, pegar os nossos objetos, a pessoa velha acompanhará durante toda essa trajetória para que essas práticas sejam realizadas de acordo com o rito praticado. (Prũm Apinagé, 2023).

Entretanto, os espaços e a maneira como se aprende se constitui e é realizada de forma prática, como podemos observar na imagem da festa denominada Mẽ okrepôx mex da mestra Joanita Pãx nos cortes de cabelo mẽhkĩ jakàr na aldeia São José; ela indica uma forte influência dos/as mestres/as da etnia.

Figura 2 -Mẽhkĩ jakàr (cortes de cabelo) São José



Fonte: Fabrício Apinagé, 2023.

Esse é um momento em que todas as teorias narradas pela matriarca se consolidam de forma nítida, presenciado por outros/as jovens que prestam a atenção em como são realizados os cortes de cabelo. Na cadeira, senta-se um por um com dois panhã cortadores; cada um recebe colares no pescoço trazidos pelas mães ou padrinhos (madrinhas e padrinhos) dos/as jovens que simboliza o reconhecimento e o respeito pelo corte que está sendo praticado por eles; suas mulheres, no entanto, guardam os colares e os tecidos que forem sendo colocados para os jovens, homens, mulheres e velhos se sentarem, nessa ocasião, esses tecidos caracterizam presentes que os parentes dos falecidos fornecem como forma de rememorar as histórias deixadas para seus filhos, netos e bisnetos. Essa prática necessita de um cantor que esteja apto a cantar as músicas propícias para aquela ocasião, pois requer uma qualificação melhor para realizar o canto.

Entendo que os valores associados à natureza, como seus criadores *myyti* (sol) e *mytwrÿre* (lua), como dito pelo antropólogo Nimuendajú (1956, p.124), que destaca a história dos criadores Apinagé:

[...] Mbud-ti e Mbuduvrí-re plantaram cabaças na roça e quando estavam maduros, o primeiro fez um poço no ribeirão e fez um caminho para êle. Mbuduvrí-re, um pouco mais baixo, fez a mesma coisa. Na manhã seguinte, Mbud-ti foi o primeiro a ir para a roça: Mbuduvrí-re, que ainda estava dormindo, seguiu depois. Ambos carregaram todos os cabaços para a beira e atiraram com eles na água, sempre de dois em dois. Os cabaços, assim que tornavam à tona se transformavam em gente, homem e mulher, que se sentavam feito quatro casais.

Entendo que os criadores do cosmo Apinayé ainda mantêm conexão intensa com os/as mestres/as no que sentimos e presenciamos, principalmente, nos rituais mẽ tyk (velório), em que todos os/as anciãos/ãs envolvidos com o falecido se aproximam e reverenciam seu corpo, tratando e conversando em voz alta ou baixa as vontades e os anseios que o panhĩ tinha, na frente de toda a etnia em que os familiares mais próximos do falecido convocam todas as aldeias em que trazem comidas, tecidos, objetos que eram de uso ou consumo do falecido. As mulheres, com os seus choros ritualísticos de lamentação, abrem espaços para a passagem de cada família de determinadas aldeias. Seguindo com os relatos da jovem, ela destaca como aconteciam os encontros com os mestres na escola:

[...] no tempo que estudei na escola ela realizava oficinas, nós confeccionávamos cofos, colares, abanadores e trançados com os fios naturais de buriti e babaçu, a relação era boa, quando nos sentamos com eles os mestres/as eles irão te ensinar aquilo que ele/a aprendeu a muito tempo. Dessa forma o velho/a vai pedir para você se sentar ao lado para que possa ensinar como deve ser feito, quanto mais você tiver a prática mais habilidade você terá sobre os objetos. (Prũm Apinagé, 2023).

Para o líder Apinayé Oscar Wanhmẽ, em uma oficina do projeto Escola Viva Apinayé de Artes Mẽ õhi (Apitos e Buzinas), realizada na Escola Mãtyk da aldeia São José em 18 de agosto de 2023, realizada e coordenada pela professora Aia Oro Iara da Universidade Federal do Norte do Tocantins- UFNT em parceria com o Diretor da unidade Escolar Cassiano Sotero Apinagé da Escola Estadual Indígena Mãtyk, a presença dos conhecimentos dos/as mestres/as que precisa ser acessada pelos jovens.

[...] Os Apinayé tem os seus cantos, e esses cantos estão ligados propriamente a natureza, todo o material é usado também, extraída da própria natureza, todos esses instrumentos que estão sendo apresentados hoje, o nome geral é Mẽõhi, que é todos os instrumentos dos jovens, dos adultos, dos anciãos, porque ela tem um significado ancestral. Cada pessoa que usa, são aquelas que já são formadas, porque os Apinayé têm um campo de formação, esse campo era Pẽp, o início era igual o campo de vocês kupẽ (brancos), e nós temos esse campo e elas foram desativadas a muito tempo. (Oscar Wanhmẽ 2023).

O líder panhĩ introduz o campo de estudo dos Apinayé em três campos que ele chama de ancestrais panhĩ, organizado e coordenado pelos anciãos que eram os Pẽpkààk (crianças) Pẽpjê (jovens) e os Pigêt (anciãos); os processos desses conhecimentos variam de acordo com o sistema organizacional da etnia. Ainda ressalta que:

[...] quando os Apinayé nasciam iam se ingressar nesse campo para poder aprender todos os conhecimentos, das práticas e dos movimentos de tudo, como medir o tempo da água, do sol, da lua, os seres que moram dentro da água e fora da água, sendo essa formação pelos Pẽpkààk, inicia-se e se forma no Pẽpjê, quando você se forma no Pẽp,

então você vai escolher uma função, ser cantor ou ser guerreiro, caçador, corredor né, vai ser produtor, então tem todas essas áreas. (Oscar Wanhmê Apinagé 2023).

Com isso, destaco os movimentos dos/as mestres/as que direcionavam e que eram direcionados pelo poder dos costumes e tradições panhĩ, a natureza, algo que se manifestava nos jovens desde o nascimento quando recebiam banhos de determinados tipos de cascas de árvores para proteger de doenças; esses são os primeiros contatos com os materiais da natureza, com os espíritos, as almas e curas, com as mãos dos wajağà (pajé).

Ressalto que poucos jovens conhecem as etapas pelas quais já passou ou está passando no seu campo de formação, como a aluna Melissa Grer Apinagé, de 20 anos de idade, estudante do 2º ano do ensino médio da escola indígena Mãytk, casada e sem filhos. Ela destaca os momentos de sua trajetória de aprendizagem em que afirma:

[...] essas coisas que eu aprendi foram quase que sozinha, pois tudo que aprendi foi realizado fora da escola e sim na comunidade, as pinturas corporais que faço são habilidades que aprendi a fazer sozinha, mesmo não sendo uma das características de minha família, mas resgatei acho que minha avó era pintora deve ter sido da fonte dela (Maria Ire, in memoriam), apenas olhando o que outras mulheres faziam, gostava de pintar e as pinturas me chamavam, algo que me interessei com o tempo, tentava e aos poucos consegui fazer com perfeição.

A aprendizagem sobre as tradições do povo ocorre, sobretudo, em momentos nos espaços da casa, sua primeira escola viva. O interesse em cantar, dançar, narrativas de histórias, artesanato acontece nesses lugares; rituais que se tornaram um esboço para manter seus costumes ativos, como nas falas das líderes, Maria Sirax da Aldeia Boi Morto e Rosalina da Aldeia Arco Iris, entre outros, para quem as forças que exerciam perderam valor para os jovens.

Os rituais denominados Mẽ òkrehpòxrũnhti e Mẽ òkrepòx mex, uma mistura entre os rituais, as músicas que acontece em ocasiões específicas nos turnos da noite, requerem dois a três dias; cantam e dançam durante as noites e, na manhã seguinte, os cortes de cabelo. Observei que muitos jovens acompanham a cerimônia, mas não participam ativamente, apenas observam e poucos se envolvem. Contudo, analisei que essas práticas cerimoniais são iniciadas pelas matriarcas, ou seja, pelas mulheres; são elas que estão à frente das cerimônias ritualísticas do povo panhĩ, como presenciei nas pesquisas na aldeia.

Sobre os ensinamentos dos/as mestres/as no cotidiano panhĩ, Grer ressalta que:

[...] minha mãe é uma artesã, faz trabalhos com miçangas, trançados, esteiras, isso me permitiu entrar em outras coisas que as mulheres fazem que são as pinturas corporais, essa aprendi sozinha, quando não tinham pessoas, me concentrava melhor, aprendi em casa e não na escola.

Perguntado sobre os rituais que os/as mestres/as ensinam e que eles/as aprendem ou conseguem aprender, Grer destaca que: “[...] os mais velhos ainda sabem muitas coisas, nos ensinam a cantar as músicas panhĩ para que não viemos a esquecer um dia, em que eles/as têm medo de que aconteça, mas sei que faço parte disso, e tento ajudar com as pinturas”.

Em se tratando de músicas panhĩ, poucas delas sabem cantar ou entendem o sentido que elas carregam; com a falta de uma disciplina de instrumentos Apinayé ou o letramento da música cantada, preferem não procurar meios para saber sobre os cantos ancestrais. Porém, como as unidades escolares ainda não adotaram essa temática dos sons Apinayé nas salas de aula, isso impossibilita o entendimento e a aprendizagem fora dela também.

Contudo, esses saberes estabelecem relações diversas com os mestres e para entender é necessário interagir com os mestres. O autor Ribeiro (2019, p. 105) aponta alguns caminhos que nos provocam reflexões: “[...] percebi também que a escola não deve ser vista como um único lugar de aprendizagem está fora do prédio escolar. A comunidade possui sabedoria que deve ser transmitida e distribuída por seus membros: o território é espaço de aprendizagem”.

Outra interessante entrevista foi do jovem Ricardo Kõk Apinagé, de 26 anos de idade, que estudou na escola Mãtyk e terminou seu ensino médio em 2021; marido da Pintora Grer, relata algumas experiências que teve durante as aulas na escola Mãtyk e salienta que:

[...] Quando eu estava na escola aprendi a valorizar as pessoas, respeito muito, lá me interessei muito pela música panhĩ quando criança, apesar de não cantar muito bem, não tenho vergonha de cantar, mas como vou cantar uma música nossa se eu nem sei direito as letras dela? Isso foi uma das dificuldades que encontrei, mas na comunidade podia errar e com isso aprender.

Uma das dificuldades que podemos encontrar nas unidades de ensino, como da aldeia São José, é a falta de profissionais na área das artes Apinayé e músicas Apinayé, e isso faz com que os jovens cada vez mais se distanciem de seus costumes e as aprendizagens tornam-se sem sentido para eles/as, dos objetos e instrumentos panhĩ, Kõk ressalta que:

[...] Na comunidade aprendi muitas coisas, como confeccionar o meu próprio maracá e cantar com ela, mas não recebi nenhum incentivo da escola que estudava, com o tempo isso foi ficando mais distante, sem a prática e estudar os instrumentos e a música desaprendi até não praticar mais.

Nas práticas panhĩ, por exemplo, os mais novos eram guiados por seus mestres e mestras e entoavam cantigas desde crianças para anunciar as etapas das fases lunares ou solares, primeira chuva, alimentos, fogo, enfim, quando iniciava ou acontecia algo, os pequenos Apinayé colocavam suas habilidades em prática coordenados pelos avós, ou seja, não existia o melhor para cantar, todos cantavam exceto para aqueles que tinham determinados nomes, como

Ire dona do fogo, Mahy anunciavam o cortejo fúnebre, e assim por diante. Nesse caso, havia interlocutores/as que ouviam e respeitavam seus saberes.

5 PRÁTICAS EDUCATIVAS E A RELAÇÃO COM OS SABERES ANCESTRAIS

Para compreender melhor esse processo de ensino, entrevistamos dois professores Apinayé; uma delas é a professora Ana Rosa Ribeiro Salvador Apinagé, nascida na antiga aldeia, em 1968, que faz um recorte dos momentos da educação indígena da época:

[...] Quando eu comecei a estudar na antiga aldeia a educação na época não era qualificada, não era como hoje, os professores não ensinavam as nossas práticas culturais como ainda alguns fazem, ainda me lembro e eu não gostava, faço essa comparação, pois havia uma diferenciação enorme entre o ensinar e o aprender que aliás, era por meio do evangelho (Profa. Ana Rosa Ribeiro Salvador Apinagé. Entrevista em 24/07/2022).

Nessa época, a educação escolar indígena estava sob a responsabilidade do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) que deu origem à Funai em meados dos anos de 1970. O acesso a uma educação de qualidade era um entrave para os Apinayé, quando as escolas funcionavam até a 4ª série do ensino fundamental, porém aqueles que escolhessem continuar os estudos teriam que se deslocar para a cidade de Tocantinópolis para terminar os estudos.

Antes da implantação de uma escola que tivesse todas as séries, a escola ainda funcionava apenas na 5ª série do ensino fundamental, onde a professora Ana Rosa era merendeira em 1991. Foi convidada a ser professora pela então coordenadora da Funai, Rosa Martins, iniciando, assim, sua trajetória de vida no processo educacional, começando a ensinar, de fato, em 1997, na atual aldeia São José, ainda sem ter concluído seu ensino médio.

Com muita luta, os Apinayé conseguiram implantar uma escola que atendesse aos anseios de sua comunidade, que proporcionasse liberdade de aprendizagem e que oferecesse o ensino fundamental completo e médio, conquistado no ano de 2001. Logo em seguida, em 2015, a professora conseguiu entrar na faculdade de Goiânia no núcleo Takinahakỹ de Formação Superior Indígena, formando-se recentemente em 2021.

Desde que iniciou sua trajetória como regente de aulas, dedicou-se a ensinar para as crianças, o que ela considera como um ponto central da cultura Apinayé. Portanto, a professora ministra as aulas para as crianças e jovens do 6ª a 9º ano e 3ª ano do ensino médio.

Ressaltamos que todo o plano de aula é organizado pela própria unidade de ensino sendo as séries, as disciplinas e a carga horária organizadas pela própria escola, além dos conteúdos de ensino que são previamente inseridos pela coordenação a fim de serem modificados ou não; a professora também comenta não terem ciência da existência desse documento, muito menos terem acesso ao projeto político-pedagógico (PPP) da escola por ainda estar na fase de finalização da identidade da escola e os materiais estão em falta nos espaços de trabalho que

antes eram organizados pelo grupo Saberes Indígenas na Escola. Esse é um projeto que foi constituído em 30 de outubro de 2013, de acordo com a portaria do MEC nº 1.061, que destina oferecer aos professores indígenas uma formação bilíngue ou multilíngue em letramento ou numeramento em línguas indígenas e em português, conhecimentos e artes verbais indígenas. (MEC, 2018). Nas concepções de Geraldin (2018. p. 7):

[...] ao criar essa ação, objetivou-se provocar uma reflexão sobre as práticas pedagógicas nas escolas indígenas, visando a valorizar os conhecimentos indígenas e os processos próprios de ensino e aprendizagem a serem praticados na educação escolar indígena. Para isso, as Universidades Públicas foram convidadas pelo MEC/ Secadi a formar redes de atuação visando a trabalharem n formação continuada dos professores indígenas.

O outro encontro foi com o professor Rogério Evangelista Apinagé, nascido na atual aldeia São José, em 1984, época em que muitos tiveram que voltar da cidade de Tocantinópolis (em 1985) por motivos de segurança pela demarcação da área Apinayé. Ele relata a sua trajetória de vida que coincide com os relatos da professora:

[...] No começo da minha trajetória não foi fácil, passei por muitas dificuldades para estudar, compreender e pronunciar a língua portuguesa, foi um dos meus maiores desafios, entendo que nessa época não tínhamos espaços e nem materiais didáticos para estudar, penso que me eduquei com meus amigos e familiares no cotidiano social Apinayé, nas festas culturais, nas corridas de toras, flecha e cantorias (Professor Rogério Evangelista Apinagé. Entrevista em 25/07/2022).

Neste sentido, a educação escolar Apinayé encontra-se fragmentada em termos de um projeto pedagógico que assegure os momentos de aprendizagem com os mestres, anciãos na comunidade.

O professor Rogério também é formado em Educação Intercultural do Núcleo Takinahakỹ, em Goiânia, no ano de 2014. Em sua passagem pela universidade, percebeu o quanto que os professores Apinayé eram limitados em trabalhar técnicas de regência em sala, formar alunos que sejam críticos, promovendo conhecimentos sobre a própria cultura. Na escola Mãtyk, o professor rege aulas para os alunos do 1º ao 5º ano do ensino fundamental. Ele destaca que se reconhece com os pequenos, e que as curiosidades das crianças deixam ele entusiasmado, fortalecendo seus laços de pertencimento com a cultura.

[...] Os materiais de apoio pedagógico voltados para a nossa cultura Apinayé estão em falta por aqui e aqueles que estão disponíveis são de autores Kupê (brancos), que não são tão aprofundados no assunto, geralmente para reger uma aula me baseio na minha experiência do meu povo, pois teoricamente isso seria um desafio justamente pela dificuldade em encontrar cartilhas pedagógicas nos espaços escolares presentes na escola (Professor Rogério. Entrevista em 25/07/2022).

A pesquisa realizada com os mestres e professores da etnia Apinayé, na aldeia São José, indica que existem formas distintas de ensino e aprendizado no território, cada um em seu respectivo espaço e tempo, e que os tipos de atividades que são desenvolvidas, em especial pelos mestres Apinayé, a oralidade e a prática são as principais formas de comunicação entre os membros, e a interação entre os mestres se realiza no encontro no pátio, em casa e no banho cotidiano, como salienta Ribeiro Apinagé (2019, p. 104):

[...] a oralidade para o povo Apinajé é importante, pois, através dela são preservados na memória dos sábios da comunidade, contos, mitos da cultura indígena Panhĩ, existentes com os anciões que são nossa verdadeira biblioteca de conhecimento tradicional. A oralidade é fundamental para a alfabetização Panhĩ. Pensamos a escrita como complemento à oralidade, potencializadora dessa.

Na visão dos mestres, o pátio é onde ocorre o relacionamento e os acontecimentos da aldeia, as cerimônias de casamento, danças, as brincadeiras, as toras carregadas durante as longas trajetórias no ritual do PàrKapê, o luto em homenagem aos falecidos.

A anciã Joanita expõe sua preocupação com a falta de interesse dos mais jovens com a sua comunidade e com a sua etnia, ressaltando, dessa forma:

[...] poucas vezes fui convidada para falar e fazer aquilo que eu realmente sei dentro da escola, eu disse para você, eu não gosto de usar roupas, muito menos comer coisas da cidade e vivo produzindo objetos como colares, esteiras para os meus netos pois até que gostam, faço isso porque já estou pigêt (velha). Nós anciões das aldeias Apinayé estamos todos indo embora e precisamos deixar uma coisa da nossa cultura para essa geração mais nova, pouco a pouco estamos indo, vai chegar um dia que não teremos cantores, artesões, parteiras e artistas de ruas (grernhõxwynh), costume falar quase que cotidianamente que eles precisam aprender o choro ritualísticos, a se relacionar com os outros mestres, porém antigamente existia uma ligação muito forte entre mestres e jovens, por exemplo a amamentação das crianças era compartilhada, por isso se alguém não agir logo não haverá cultura panhĩ (Joanita Pãx Apinagé, 2022).

Entende-se, portanto, que as mestras, como a anciã Joanita, vêm perdendo espaço e prestígio no contexto panhĩ, e também que os pajés são importantes instrutores, curadores da arte da medicina Apinayé, como o senhor José Apinagé, que nos ressalta a sua atividade dessa forma:

[...] Sou pajé a muitos anos, o que mais vejo nessa minha atividade é que tem várias pessoas que criticam a minha atividade, falam que eu sou mentiroso, não sei nada de curar as pessoas como se tudo que eu soubesse não fosse significar nada para as pessoas, é algo que tento acertar sempre, gosto de ver as pessoas sorrirem, na maioria das vezes os mais jovens evitam de falar comigo por medo, pensam que eu posso fazer algum mal a eles, se escondem. Estudei muito até terminar o meu ensino, gosto de ler

a bíblia, sei um pouco da escrita da língua portuguesa, mas sei muito bem da língua Apinayé, faço muitas coisas em casa também, confecciono maracá, bordunas e colares para enfeitar a minha casa (José Apinagé, 2022).

Nas análises feitas a partir do plano de aula compartilhado pelos dois professores, constituído, elaborado e organizado pela escola, observo que há um modelo de plano que é modificado a cada 15 dias, ou seja, é quinzenal e segue um padrão de competências que norteiam o ambiente escolar convencional, exclusivamente de letras e leituras, com escritas em quadro pelos alunos, com a duração das aulas em média 50 minutos.

As narrativas das histórias locais da etnia Apinayé ganham mais força na comunidade do que nos espaços educativos; por haver esse distanciamento, aqui é possível dizer que os mestres utilizam todo o espaço que lhes é proporcionado no território, as plantas, a terra, as águas, as casas e o pátio como fonte de teorias, e conseguem ensinar e se ambientar com esses espaços de maneira natural.

A escola Mãtyk possui uma estrutura própria circular com pinturas dos Katàm e Wanhmẽ e demais pinturas Apinayé, com oito salas de aula, dois banheiros para os alunos, uma cantina, além de dormitório para os professores, sala dos professores, secretaria, com professores indígenas e não indígenas, professores especializados em cada área do conhecimento, salas e materiais didáticos como ferramenta de aprendizagem; poucas vezes, utilizam os espaços públicos da aldeia e ao redor dela.

Contudo, existem pontos muito visíveis no processo educativo da escola que precisam ser repensados com o propósito de melhorar; um deles é a inclusão dos anciões do processo formativo junto aos professores, com organização de oficinas em locais na comunidade, palestras e visitas aos lugares considerados sagrados pela etnia com mais frequência.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apontou que existe uma distância considerável entre os mestres e o ensino dos professores, porém, o que diferencia entre ambos realizam e conseguem proporcionar para os costumes panhã é diferente, sendo que os mestres promovem mais a prática dos rituais e são especialistas em várias áreas do conhecimento das práticas e das histórias narradas, que na maior parte das vezes se realiza nos momentos de festividades da etnia, nesse caso, no espaço das casas, pátio, cemitério e roças. Enfim, essas histórias narradas, a oralidade, torna-se teoria para tornar as atividades mais interessantes de se ouvir e refletir sobre essas práticas, enquanto os professores estão presos somente às salas de aula, aos conteúdos das disciplinas. Contudo, os anciões utilizam várias ferramentas de trabalho para aproximar os netos e filhos, como as visitas ao cerrado em busca de plantas medicinais para tratar seus familiares; na maior parte das vezes, são acompanhados pelos netos, por entenderem que as crianças são a continuação de seus saberes.

Diante desse fato, o território Apinayé apresenta-se como um grande livro com paisagens, sons e simbólicos das pinturas, envolvendo as casas, o pátio, os instrumentos ritualísticos considerados pelos mestres como essenciais. Entretanto, entendemos que as principais formas de aprendizagens para os mestres, seriam o pátio — na maior parte das vezes se ouviu a palavra gâ, (pátio) — a casa, o cerrado e o cemitério, no qual analiso onde aconteciam esses momentos memoráveis por apresentar muitas pessoas, participação coletiva da comunidade.

Por outro lado, percebe-se um distanciamento significativo da escola com as crianças e jovens e deles com os mestres Apinayé e com a comunidade em geral, que acontece desde sua implantação; os professores fazem pouca utilização do pátio, dos locais do entorno das casas para possibilitar essa aproximação com seus alunos, pois são nesses locais de convívio que acontecem o velório dos falecidos, o banho dos entes, a cura dos pajés, a troca de comida das madrinhas ou padrinhos no casamento, a nomeação dos afilhados, o Mẽ kãm amnênh (ritual de acidente com vítima) entre outros momentos importantes que poderiam ser ensinados pelos mestres e coordenados pelos professores.

Compreendo, dessa forma, que existe dois saberes em disputa entre os Apinayé: um está sob o poder dos mestres, anciões da aldeia; o outro está sob o poder da escola e seus representantes; no meio deles, os alunos Apinayé, que não conseguem assimilar os ensinamentos de ambos ao mesmo tempo, pelo fato de os alunos estarem aprendendo assuntos totalmente diferentes, como por exemplo, as etapas do pàrkapê (Ritual de celebração aos falecidos) com

os mestres. Os professores fazem desse ritual somente teoria, sem uma exemplificação mais aprofundada sobre esse ritual.

Pesquisar um território carregado de histórias que apenas ouvimos quando crianças é algo indescritível; escrever sobre ela se torna ainda mais especial e o mais desafiador dos aprendizados e reflexões que tentamos tirar dela, pois a cada entrevista uma nova descoberta, com os mestres/as, jovens e professores da etnia. Pela representatividade dos moradores dos conhecimentos que carregam, dinamizam e ampliam o nosso olhar pelos diferentes saberes que ainda existem e resistem entre os Apinayé.

As principais características do povo Apinayé são os trabalhos coletivos a tudo e todos compartilhando memórias, momentos que direcionam para as formas de pensar e agir em torno das artes de bordar cofos, esteiras, colares, pinturas corporais e outras tantas formas de conectar ritos Apinayé ao seu território, como pàrkapê, Mẽ òkrehpòxrũnhti, Mẽ òkrepòx mex e alguns outros rituais centrais para as manifestações artísticas do povo.

Esta pesquisa com jovens da aldeia São José, alunos da Escola Estadual Indígena Mãytk e moradores da aldeia, apontou que os jovens estão muito distantes dos espaços do território panhĩ, por não conhecerem os espaços em que estão inseridos, como fala o jovem estudante Wanhmẽ Apinagé: “[...] basta pesquisar um lugar, o território, os ribeirões para ter prazer em estudar”, muito menos sabem das histórias que perpassam sobre elas, como a existência dos cemitérios, antiga aldeia Bacaba e antiga aldeia São José, muito menos dos líderes importantes que defendiam os direitos e a preservação dos costumes como José Dias Mãytk, chefe da antiga Aldeia Bacaba, Grossinho Katàm Kaàk, Maria Barbosa Irepti, como também dos instrumentos de sopro Apinayé como xiwiwire, Patwàti flautas e orifícios de sopro muito confeccionados pelos Apinayé da época.

Em conversa com os jovens, todos eles ainda mantêm relações com os mestres, porém, uma coisa chama atenção é que todos desempenham funções diferentes dos/as mestres/as, o que indica que ouvem os mestres mas não interagem com eles de forma constante, e não se reconhecem com artesãos, cantadores, pintores corporais de seu povo, em que eles consideram as habilidades que aprenderam como algo que deve ser realizado apenas quando exigido, ou seja, não praticam em seu cotidiano, como se os mestres ensinassem de uma forma que impedissem os jovens a compartilhar esses saberes, sendo que isso pode acontecer, mas somente ocorre em ocasiões específicas de longas convivências com os avós.

Os estudos também direcionam para as formas de aprender que são praticamente todas em casa; os jovens também questionam algumas peculiaridades da escola, como não oferecer

as disciplinas de língua materna com uma carga horária maior para aprender, cosmologia, e sem a existência de áreas como pinturas corporais, artesanato Apinayé, Músicas Apinayé, e instrumentos Musicais Panhĩ que seria Mã õhi Apinayé como disciplina. Sem essas modalidades, as aulas para os jovens, segundo os próprios, tornam-se cada vez mais cansativas e exaustivas, pois essas são algumas disciplinas que os jovens queriam que estivessem presentes na unidade escolar da comunidade.

Essas disciplinas que abrangeriam uma série de temáticas que fomentariam os alunos a refletirem sobre os costumes e as tradições do seu povo, tornariam as aulas expositivas e participativas ao ponto de refletirem sobre as práticas das tradições existentes. Contudo, muitos jovens aprendem somente as atividades escritas, hoje em dia, pois o envolvimento é menor com a prática, coisa que antigamente quase todos os/as mestres/as exerciam mais de duas ou mais funções, como cantar, confeccionar maracá, ou se especializar em cantigas centrais Mã õkrehpõxrũnhti, parkapê, pinturas corporais e artesanatos, pulseiras, colares por exemplo.

Contudo, os jovens da etnia ainda mantêm poucas coisas ativas, pelo que constatei na aldeia São José; as jovens mēnijaja (meninas/mulheres) praticam de maneira constante as pinturas corporais e a produção de colares, pulseiras; o material que era retirado, geralmente, das matas e cerrados, foi substituído por miçangas, é algo que os jovens se reconheceram realizando essas atividades que nos apresentam. E enquanto os homens mēmijaja (meninos/homens) cantam apenas músicas panhĩ consideradas para iniciantes, músicas que falam de animais, confeccionam maracá, mas com algumas observações, somente quando exigido para trabalhos da escola ou alguma oficina na aldeia.

Dessa maneira, as práticas desses instrumentos pelos jovens se apresentam, no contexto da aldeia, como algo raro de se presenciar; ver algum mestre ensinando ao seu neto é ainda mais raro. A etnia garantiria sua existência por meio do melhor educador para os tãmnhwỳ (neto); nessa ocasião, os avôs envolviam os/as netos/as para as práticas da confecção de maracá, apitos, bordunas em torno delas, as histórias, ou seja, os mestres são responsáveis pelas práticas das atividades do Apinayé, e as mestras as teorias em torno dessas narrativas.

REFERÊNCIAS

APINAGÉ, Cassiano Sotero; GERALDIN, Odair. As tradições orais já não bastam: a pesquisa como estratégia de preservação. *Repocs*, v.15, n 29, jan/jul. 2018.

APINAGÉ, Cassiano Sotero. **Escola, meio ambiente;** formas de ensinar e aprender na teoria e na prática entre os Apinajé. 2017.

ARROYO, Miguel Gonzales. **Políticas de formação de educadores (as) do campo.** Caderno Cedes, v. 27, n. 72, p. 157-176, 2007.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida; MEDEIROS, Juliana Schneider. **História, memória e tradição na educação escolar indígena:** o caso de uma escola Kaingang. *Revista Brasileira de História*, v. 30, p. 55-76, 2010.

COHN, Clarice. **Educação escolar indígena:** para uma discussão de cultura, criança e cidadania ativa. *Perspectiva*, v. 23, n. 2, p. 485-515, 2005.

GERALDIN, Odair. *Pinturas Corporais Apinajé-* Palmas, TO: EDUFT, 2018, 117p.

LITTLE, Paul. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. *Anuário antropológico*, v. 28, n. 1, p. 251-290, 2003.

NIMUENDAJÚ, Curt. *Os Apinayé.* 1956.

OLIVEIRA, Carlos Estêvão de. **Os Apinagé do Alto- Tocantins. Museu Nacional, 1930.**

Cursos de aperfeiçoamento reúnem 2,2 mil professores dos anos iniciais do fundamental. Disponível em:<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/36134>. Acesso em 09 de dez., 2023.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho:** algumas reflexões sobre a História Oral. Projeto História 15. São Paulo, 1997.

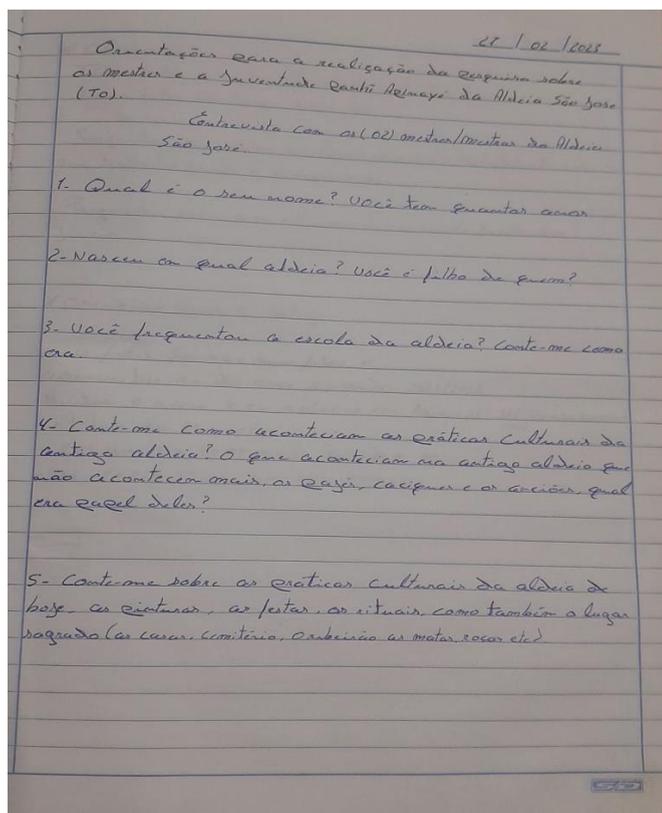
RIBEIRO APINAJÉ, Júlio Kamêr. *Me ixpapxa me ixahpumunh me ixujahkrexá:* Território saberes e ancestralidade no processo escolar panhi. Goiânia, 2019.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** história oral. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.

THOMPSON, Paul. **História oral e contemporaneidade.** *História oral*, v. 5, 2002.

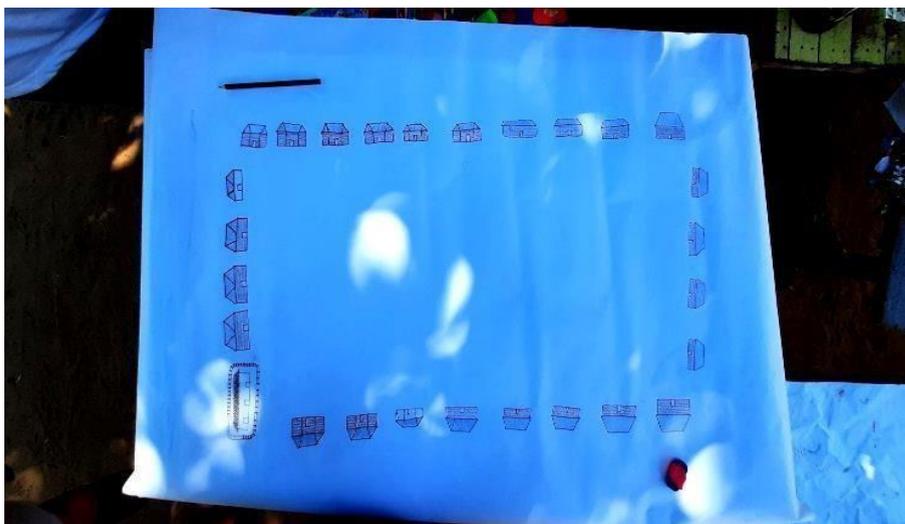
APÊNDICE A

Figura 3 - Roteiro de entrevista com os mestres/as Apinayé



Fonte: Fabricio Apinagé, 2022

ANEXO A

Figura 4 - Cartografia produzida pelos mestres da Aldeia São José

Fonte: Fabricio Apinagé, 2022

ANEXO B**Figura 5** Cartografia da Antiga Aldeia São José sendo produzida.

Fonte: Fabricio Apinagé, 2022